

A PESQUISA NA ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Alice Rangel de Paiva Abreu

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

Gostaria inicialmente de agradecer à ANPEPP o convite para participar da sua reunião anual. Considero que estamos num momento crítico com relação à atividade de pesquisa na área de ciências humanas e sociais e que este contato entre as diferentes disciplinas da nossa área é, portanto, especialmente importante.

De fato, nunca a área de ciência e tecnologia passou por uma crise com as dimensões da que estamos enfrentando agora. Estamos presenciando o desmonte de um sistema que foi implantado nos últimos vinte anos e que deu lugar a um sistema de pós-graduação e pesquisa que se destacou na América Latina em termos de qualidade e quantidade de sua produção científica. Legitimado pelo sistema de avaliação montado pela CAPES, esse sistema tinha como base de sustentação nacional, por um lado, o financiamento institucional da FINEP e por outro, o financiamento do pesquisador individual que o CNPq distribuía. Em algumas áreas é preciso acrescentar também o importante financiamento de algumas fundações estrangeiras, como é o caso da Fundação Ford em relação às Ciências Sociais. De qualquer modo, em nível nacional o sistema implantado conseguiu estabelecer normas e critérios universalistas de eficiência, competência e excelência, baseado em julgamento por pares, que eram reconhecidas pela comunidade acadêmico-científica. Todo esse esforço resultou num saldo extremamente positivo, fazendo com que no Brasil hoje, você tenha uma produção científica de boa qualidade, muitas vezes de nível internacional.

Parte do esforço para estruturar esse sistema partiu da própria comunidade científica. As associações científicas, entre as quais a ANPOCS aparece como um dos exemplos mais antigos na nossa área, criada em 1977, mas que foi seguida de várias outras associações como ANPEC, ABEP, ANPED e a própria ANPEPP, tiveram um papel decisivo na estruturação e na aglutinação da comunidade científica nacional e na divulgação, disseminação e legitimação desses critérios.

Nestes últimos dois anos este esforço está sendo paulatinamente destruído, com a gradativa desestruturação dos dois pontos de apoio representados pela FINEP e pelo CNPq. O valor do FNDCT para este ano é o mais baixo de toda a sua história e o previsto para o próximo ano é ainda menor. No CNPq os projetos aprovados em maio de 1991 ainda não foram pagos e este ano houve constantes atrasos no pagamento das bolsas, no país e no exterior.

Ora, essa situação resultou numa paralisação efetiva de vários centros e instituições de muito bom nível. Creio que esta é uma característica da crise atual, a de atingir indistintamente todas as instituições de pesquisa no país, incluindo-se aquelas de excelente nível e renome internacional, em todas as áreas do conhecimento. As verbas para nossa área sempre foram escassas, mas em geral os centros e programas de melhor nível conseguiam levar avante um programa de pesquisa significativo. Creio que esta é a primeira vez que centros de excelência das nossas áreas e das assim chamadas áreas duras, enfrentam o problema de uma efetiva limitação de recursos.

Situações de crise como a que estamos enfrentando agora têm, no entanto, um aspecto positivo, que é nos obrigar a refletir criticamente sobre a nossa realidade e enfrentar certos desafios que nos anos de menor escassez podem ser deixados de lado.

Assim, na minha área, se de fato nos últimos vinte anos houve uma produção substancial e de boa qualidade, uma análise mais aprofundada permite perceber certos claros, tanto em termos de eixos temáticos como, e principalmente, em termos de abordagens metodológicas. De fato, durante muito tempo considerou-se que para fazer pesquisa na área de ciências sociais e humanidades era suficiente um lápis e um bloco de papel. E de fato ao longo desses anos muita pesquisa de boa qualidade foi realizada utilizando uma metodologia qualitativa, de menor custo e demandando menor investimento. No entanto, como resultante dessa permanente escassez de verbas, certos tipos de pesquisas, como grandes surveys nacionais que exigem metodologia sofisticada e grande volume de recursos, há anos não são realizados.

Qual o possível papel das associações científicas diante de um quadro como este. A meu ver, as associações podem atuar em diferentes níveis. Um primeiro nível seria em relação à própria disciplina que representa, realizando um sério trabalho de crítica e avaliação da pesquisa que vem sendo realizada nessa disciplina e apontando novos recortes que devam ser incentivados. Esse trabalho vem sendo realizado com competência pelas diferentes associações e é grandemente favorecido pela realização de encontros como este que permite a divulgação e discussão de que vem sendo feito na área.

Há um outro nível, no entanto, que considero de extrema importância neste momento, e que ultrapassa as fronteiras disciplinares de cada associação. De fato, vários dos representantes da comunidade científica que atuam nos diversos foros de política científica mencionam a eficiência da articulação das áreas técnicas, que conseguem estabelecer demandas gerais para suas respectivas áreas que são apresentadas como bandeiras nas várias agências de fomento e de política científica do governo. Assim a Física, por exemplo, tem um plano de desenvolvimento da disciplina para os próximos dez anos, que serve como base de negociação em todos os foros. Creio que as ciências humanas e sociais deveriam encontrar pontos de convergência que as permitissem atuar conjuntamente e lutar para aumentar os recursos para a área como um todo.

Sei que muitas vezes isso parece impossível, diante da fragmentação disciplinar que caracteriza esta área. Mas é preciso entender que não estou propondo prioridades temáticas, mas sim a definição de algumas propostas que possam ser apoiadas pelas diversas áreas disciplinares e que tenham um caráter realmente inovador e incentivador da atividade de pesquisa. Na área do ciências sociais, por exemplo, exis-

te um projeto muito interessante de estabelecer uma rede de bibliotecas, unindo as bibliotecas de quatro universidades e doze centros de pesquisas em todo o país, que permitiria, finalmente, superar as deficiências de acervo bibliográfico que são uma triste realidade em quase todos os centros de pós-graduação na nossa área. Sei que em Filosofia, por exemplo, existe um projeto de tradução dos textos clássicos greco-latinos que teria uma enorme repercussão na área. Enfim, são projetos e propostas que a área de ciências sociais e humanidades como um todo poderia avaliar e que serviriam como ponta de lança para uma negociação com as principais agências de política científica e tecnológica do país. Um outro exemplo possível seria uma proposta para equipar pesadamente a área com computadores e para treinamento em técnicas avançadas de computação, incluindo aquelas para analisar dados qualitativos. Respeitadas as especificidades de cada disciplina, essa seria certamente uma proposta de enorme repercussão e que poderia ter o apoio de toda a comunidade.

O papel das associações neste nível pode ser decisivo. Acho mais, que este tipo de proposta só poderá prosperar se houver um real empenho por parte das associações científicas no sentido de estimular esta discussão e liderar a procura do consenso em torno de algumas questões centrais para a área como um todo. Fica aqui, portanto, o convite da ANPOCS para que a ANPEPP se junte a este esforço e utilize sua experiência e legitimidade na área de Psicologia para avançar nesta direção.